

Educação, Ciência e Religiosidade: Evangélicos na Escola de Música da Ufba

*Eduardo Frederico Luedy Marques**

INTRODUÇÃO

A constatação de uma presença majoritária de alunos evangélicos no curso de Licenciatura em Música da Escola de Música da Ufba, durante trabalho de pesquisa realizado em 1998 (e a partir do qual elaborei a minha dissertação de mestrado) despertou minha atenção para a existência de contextos sociais e religiosos diversos daqueles que habitualmente enxergava ou acreditava ser o dos alunos daquela instituição.

O fato era que, à medida que realizava o referido trabalho de pesquisa, passava a me dar conta da importância da religiosidade nas trajetórias pessoais e histórias de vida que conduziam a uma formação superior em música, levando-me à constatação de uma “realidade evangélica”,¹ que despertava minha atenção justamente por ser tão diversa do contexto social - eminentemente secularizado - em que me encontrava inserido; contexto em que, de acordo com Mariano (1996), os elementos estruturais e simbólicos hegemônicos são “tipicamente capitalistas, racionais, burocratizados, dessacralizados [no qual] suas instituições, seus governos, mercados, escolas, meios de comunicações, tudo é não-religioso” (Prandi apud Mariano 1996, 122).

Esta “realidade evangélica” chamava a atenção por encontrar-se presente também na pós-graduação em música da mesma instituição - fato que tornava ainda mais evidente a possibilidade de conflitos entre a religiosidade e a pesquisa em música, bem como os limites implicados para uma concepção multiculturalista de educação.

JUSTIFICATIVA

Este estudo justifica-se, portanto, pela necessidade de compreender o fenômeno desta presença evangélica - principalmente no curso de licenciatura em Música, onde são presença majoritária - mas, sobretudo, pela necessidade de discutir as implicações decorrentes dos dilemas potenciais que envolvem os preceitos de fé, a pesquisa em música e a educação musical.

* Doutorando em Educação Musical pela Universidade Federal da Bahia.

¹ Corresponde a um determinado perfil de religiosidade que distingue seus elementos por serem, como afirma MARIANO (1998), detentores de uma moral cristã que, comparativamente à moral dos fiéis católicos, parece ser mais respeitada e obedecida.

METODOLOGIA

Para a realização do estudo, três sujeitos foram escolhidos por professarem fé em igrejas evangélicas e estarem ligados à pós-graduação em música da UFBA.

Entrevistas semi-estruturadas foram gravadas e posteriormente transcritas para análise das falas dos sujeitos. Os trechos selecionados para análise foram categorizados nos seguintes aspectos, que procurarei discutir a seguir:

FUNDAMENTALISMO E A QUESTÃO DA INTOLERÂNCIA

Dois aspectos que se encontram quase sempre relacionados. Por diversas vezes, percebe-se como a intolerância para com outros credos é justificada com base naquilo que é estabelecido como “a palavra de Deus”.

eu acredito que a doutrina é uma só e que deve ser entendida como uma coisa só - não dá pra ficar fazendo muitas interpretações; porque eu creio que o evangelho é um só, certo? E ele não pode coadunar, ele não cabe em outras doutrinas. [sujeito c]

Em outro depoimento, ao ser inquirido acerca da existência da intolerância que por vezes resvala para o desrespeito para com outras religiões - notadamente as afro-brasileiras - um dos sujeitos fala o seguinte:

(...) muito do que a gente ouve no candomblé e no espiritismo e nos próprios escritos que está lá no Kardec e tudo mais, não bate com a nossa interpretação do que está na Bíblia. *Então, se não está de acordo, pra nós ele não é proveniente de Deus.* E aí é que vem este problema da intolerância. Em geral alguns não vão nem ler o que é que está lá; assim, “não é de Deus, é do diabo”, (...) e por isso que a gente vê a falta de respeito até, né? [sujeito B; grifos meus]

A possibilidade de tolerância e mesmo de convivência não é descartada. Mas há uma tensão - decorrente de conflitos potenciais para com outros credos - que se percebe nas entrelinhas dos discursos:

Se eu estou num ambiente e for solicitada, (...) pra dar aula (...), aí eu procuro ver qual é o repertório. Geralmente é evangélico e aí eu tenho isso aí preparado pra dar pra eles. Quando não é... até hoje não surgiu nenhuma situação em que essa questão entrasse em conflito.

Você estudaria uma peça que fizesse referência a entidades afro-brasileiras?

Estudaria... eu estudaria. Como estudaria qualquer outra coisa. Mesmo que eu reprove ou não, o conteúdo, se for alguma música com letra, ou que eu fareje que tenha alguma coisa a ver com algum comprometimento religioso, eu estudaria sim, mas poderia não incorporar ao meu repertório, que eu fizesse com prazer. Estudaria por acreditar que aquilo é importante. [sujeito c]

Vê-se como a possibilidade do conflito é real para o sujeito. Percebe-se também o desconforto perante o risco de ter que tocar algo que venha a representar um comprometimento religioso não desejado.

ETNOCENTRISMO

Associado ao fundamentalismo, pode-se também perceber um viés etnocêntrico na delimitação do que é considerado adequado ou não, de acordo com a doutrina religiosa.

(...) ritmos brasileiros, nem pensar, (...) música brasileira, ritmo brasileiro, ainda é visto como uma coisa meio profana. Agora, já como os Batistas vêm muito dos americanos, né?, os ritmos populares de lá, aqui, soam como uma coisa mais espiritual, tá entendendo? Acho que por essa herança mesmo, já soam como mais espirituais, as baladas, os ritmos americanos. Aí, por isso, eu acho que essa onda de gospel tem entrado bem. [sujeito c]

O que é reforçado no seguinte diálogo, no qual pode-se inferir possíveis origens do preconceito para com as religiões afro-brasileiras:

Porque pra uns esse ritmo constante, esse acompanhamento constante, para alguns lembra muito uma música de boate... tira muito a atmosfera religiosa, sabe? Mas aí não é só o ritmo, a própria maneira de cantar, sensual...

Mas parece que é uma tendência, não?, você ter essa música mais secularizada nas igrejas, que tem esse apelo mais imediato...

Lutero fez isso (...) ele pegou músicas populares, folclóricas, alemãs - que não é tão balanceada assim, não é? - e colocava letra religiosa; (...) Só que a música folclórica alemã não é... sensualizada, né? [sujeito b]

Em outro depoimento o etnocentrismo se torna ainda mais evidente:

Você não acha que aí conta um certo preconceito contra o que é afro e não quanto ao que é europeu, ou que tenha uma feição mais européia?

Com o afro sim... existe mais a discriminação, porque a cultura africana é religião pra todos os lados... é uma religião bastante combatida pelos evangélicos.

Porque eu não sinto esta reação com as religiões orientais...

Mas existe sim, é porque os afro estão em maior número, né? Eu acho que a própria natureza da... eu não sei, acho que é mais expansivo, *numa religião oriental o pessoal é mais quietinho*, entendeu? [sujeito c; grifos meus]

Há uma correlação entre a intolerância para com outros credos e o viés etnocêntrico dos juízos de valor afirmados. A aceitação de manifestações culturais e religiosas menos contrastantes em contraposição ao conflito com as religiões afro-brasileiras evidencia tal correlação.

O trecho a seguir ilustra como os juízos de valor são moldados pela formação religiosa e por um latente etnocentrismo: toda a leitura que o sujeito faz dos outros credos é marcada por uma ausência de possibilidade de relativismo cultural:

Numa sessão, por exemplo, de umbanda (...) não se discute coisas, assim, mentais; eu digo assim, de conteúdos mentais (...); em geral um está ali, quer

fazer um pedido tal, quer que o espírito ajude; o outro está ali pra pedir que faça mal pra fulano, ou então outro está ali com um problema sério de saúde, quer que seja resolvido... quer dizer, isso é o que eu sei, né?, dentro do candomblé talvez seja a mesma coisa, mas na umbanda, ali, *não se busca conceitos filosóficos e religiosos pra você viver e responder seus questionamentos*: de onde eu vim, pra onde eu vou, porque tem sofrimento, porque fulano passou por aquilo, porque fulano que era tão bom passou por aquilo... todos esses questionamentos filosóficos da mente humana, às vezes você não vai encontrar. E já o espiritismo tenta responder essas coisas, né? O espiritismo tem toda uma linha neste sentido... [sujeito B, grifos meus]

Mais uma vez, percebe-se como outros sistemas religiosos são julgados de acordo com uma única perspectiva; ao mesmo tempo, há uma maior condescendência para com uma outra religião - que, segundo o próprio sujeito, assemelha-se mais à doutrina de sua crença religiosa.

Tal viés etnocêntrico, contudo, que talvez explique o preconceito e a intolerância, é enxergado criticamente por um dos sujeitos no diálogo a seguir:

Você concorda que há essa intolerância por parte dos setores evangélicos?

(...) Intolerância é uma palavra suave: é uma condenação mesmo, né? Um distanciamento. São aqueles dois extremos: Deus e o diabo.

Como é que você vê isso, como pesquisadora, inclusive?

(...) Eu acho que tem algo de política, principalmente nesta relação de mundo ocidental, do que se chama de países desenvolvidos; tem a ver com colonialismo, né? Então é um preconceito que não é só religioso: é um preconceito de raça, é um preconceito econômico, é um preconceito geral (...), por exemplo, tem a ver com o diabo que está relacionado com o candomblé, que está relacionado com o negro. Não se vê mais nada além desta relação religiosa, né?, e Deus é visto como a perfeição, que também ninguém alcança né?, e relacionado com quem trouxe ele pra o Brasil, que foram os europeus. É uma coisa muita lógica... [sujeito A]

Sem dúvida um posicionamento diferenciado entre os sujeitos do estudo. A análise da questão do preconceito e da intolerância não só relativiza o ponto de vista religioso, situando-o culturalmente, como também demonstra a preocupação para com a questão da transplantação e do choque cultural, via missionarismo religioso.

CIÊNCIA E RELIGIOSIDADE

A questão colocada aos sujeitos era: “Você acha que há alguma incompatibilidade entre ser pesquisador na área de música e ser evangélico?”. As respostas de dois sujeitos são mostradas a seguir:

Eu não sei... (...) Por exemplo, eu não me sentiria mal em igrejas evangélicas, pesquisar e ver como a música, lá dentro, tem influenciado o transe; mas, por exemplo, *eu não conseguiria entrar num terreiro de candomblé e ficar ali acompanhando*... eu até entraria, eu pessoalmente, entendeu?, mas eu

evitaria a constância disto, mais por causa deste conceito que a gente tem de que muitos dos espíritos que baixam lá - não é satanás, né? - mas são espíritos que fazem parte destas miríades de anjos que acompanharam satanás nesta rebelião. [sujeito B, grifos meus]

E na segunda resposta:

Acho que pode haver [incompatibilidade] como [em] qualquer outra atividade que eu me meta a fazer; por que, no caso, a minha fé vai na frente de tudo, entende? (...) Minha fé, no meu entendimento, é soberana; então ela pode interferir em qualquer outra coisa que eu venha a fazer. Eu posso parar de fazer uma pesquisa por uma questão de fé; eu posso parar de fazer música por causa de fé; eu posso parar de ensinar... qualquer coisa... tudo gira em torno disso. [sujeito C]

Depoimentos em que os limites impostos à pesquisa pela doutrina religiosa são evidentes. A questão que se coloca, contudo, vai além da simples opção individual. Ou seja, para além da recusa por parte destes sujeitos, existe a necessidade de se encarar a pluralidade cultural e identitária como algo real, e o que isto implica em termos pedagógicos e curriculares. Este é o aspecto que será discutido a seguir.

EDUCAÇÃO E MULTICULTURALISMO

O termo multiculturalismo tem estado presente nas mais recentes discussões que envolvem cultura, sociedade e educação escolar. Nestas, se busca evidenciar não somente o papel de transmissão e legitimação cultural da educação, mas também a constatação de que vivemos num mundo multicultural. Os seguintes depoimentos apontam para a existência de conflitos entre a religiosidade dos sujeitos e as propostas de uma educação multicultural.

Como você encara as recomendações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais acerca do caráter multicultural das sociedades e da importância de que a educação escolar deva levar em conta esta diversidade?

Eu acho isso ótimo, essa diversidade cultural, porque o que vai acontecer é que, por exemplo, numa escola adventista que tenha música, eles vão abrir o leque cultural *dentro daquilo que eles acham cultural*. Por exemplo, a música japonesa não vai ter problema nenhum, ainda que ela esteja adorando uma entidade lá no Japão que a gente nem saiba que esteja, entendeu? Certamente não vai conseguir chegar numa escola de música adventista e ver os meninos cantando uma música de candomblé. [sujeito B; grifos meus]

Mais uma vez o etnocentrismo subjacente à religiosidade como um fator que impõe limites para o estabelecimento de propostas pedagógicas que levem em conta o multiculturalismo.

No seguinte depoimento, o sujeito, apesar de ser também religioso, fala francamente acerca destes limites.

Eu acho que o evangélico não está preparado pra isso porque... pensando nesta pluralidade baiana, né?, da presença do culto afro, de pessoas que vem do culto afro... espírita também, até católicos. Eu acho que um professor evangélico não colocaria uma cantiga relacionada com culto afro na sala de aula; aliás, eu acho até que não há uma consciência do valor desta cantiga como sendo música, como sendo arte, eu acho que não há esta consciência. [sujeito A]

DISCUSSÃO

Apesar do estudo basear-se num recorte muito estreito de uma realidade social complexa, acredito que se possa, a partir dele, obter pontos de partida para o aprofundamento das questões que envolvem a religiosidade, o conhecimento em música e a educação musical.

O fator problematizador, a meu ver, é que tais questões - que implicam num necessário estabelecimento de estatutos epistemológicos para a pesquisa e para a educação em música - não podem encontrar-se desvinculadas do reconhecimento de que vivemos num mundo multicultural; e, conseqüentemente, da constatação da fragmentação de uma noção de identidade fixa e bem localizada - sejam as de classe, gênero, etnia, raça, padrões culturais e nacionalidade - “a serem levadas em consideração em práticas pedagógico-curriculares voltadas à construção de uma sociedade democrática e ao desenvolvimento da cidadania crítica e participativa” (CANEN 1998, s/p).

Portanto, uma participação igualitária e democrática dos diversos segmentos que compõem a sociedade pode depender em boa parte da maneira como a educação escolar é concebida. Além disso, uma abertura dos canais para discussão depende também de uma atitude de relativização cultural, seja por parte dos elementos religiosos, seja por parte daqueles que fazem ciência. A superação dos conflitos e das dicotomias que envolvem os modos de conhecimento da ciência e da religião podem representar passos importantes neste sentido.

Por fim, gostaria de terminar com o seguinte diálogo, apesar do pessimismo do sujeito acerca da possibilidade de uma convivência pacífica entre os diversos credos e culturas:

Eu acho que a religião tem que juntar as pessoas e não separar, o objetivo da religião é religar e não separar, mas eu não vejo possibilidade de convivência de um modo geral [...]

E como é que você resolve isso em sua cabeça, de ter um ponto de vista crítico em relação à sua própria formação religiosa e continuar sendo uma pessoa religiosa?

É porque pra mim existe um Deus, e pra mim é um Deus universal. Como se chegar a este Deus, aí, sim, é uma coisa muito particular, que pode estar vinculada a um grupo. Mas é como se Deus fosse o objetivo final e todos os caminhos podem levar a Ele. [sujeito A]

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Canen, Ana. 1998. *Relação Multicultural, Identidade Nacional e Pluralidade Cultural: Tensões e Implicações Curriculares*. Mimeo (trabalho apresentado na 21ª Reunião Anual da ANPED, em Caxambu, Minas Gerais).
- Mariano, Ricardo. 1996. “Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada”. *Revista USP*. (Setembro/Novembro): 120-131.
- _____. 1998. *O Futuro Não Será Protestante*. Mimeo (trabalho apresentado na VIII Jornadas sobre Alternativas Religiosas na América Latina em São Paulo).